



## **Zicartola:** sociabilidade cultural e resistência social (1964 - 1965)

Daniel Sean Bosi Concagh<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Os anos 1960, no Brasil, foram marcados pelo surgimento de inúmeros grupos artísticos que tiveram um papel fundamental para as transformações culturais do país, desempenhando uma ação de resistência frente ao regime militar autoritário. Nas últimas décadas, a historiografia especializada tem buscado compreender um pouco melhor as *redes de sociabilidade* e os *meios sociais* que formaram estes conjuntos e parcerias, pesquisando os espaços destas interações e a sua relação com o contexto cultural e político mais amplo. Seguindo essa linha, este artigo pretende analisar o Zicartola, um bar e restaurante de samba que funcionou no centro do Rio de Janeiro até meados de 1965, como um ponto de encontro entre estudantes, sambistas, dramaturgos e jornalistas. Nas fontes levantadas, concluímos que foi um lugar importante para a formação de grupos como o Rosa de Ouro, o show espetáculo Opinião, a Voz do Morro, entre outros, além de ter sido um meio de discussões políticas e agremiações estudantis. Dentro de uma perspectiva de diálogo entre a história e a sociologia, esta pesquisa busca compreender as relações de troca e resistência que se formaram no Zicartola, relacionando o espaço ao contexto da ditadura militar, e, ao mesmo tempo, avaliando a sua interação com as mutações do mundo do samba e as clivagens sociais e políticas pelas quais o país passava, enfatizando o lugar do samba nas lutas culturais do período.

**Palavras-chave:** Zicartola. Sociabilidade cultural. Resistência política.

### **Zicartola: cultural sociability and social resistance (1964-1965)**

### **ABSTRACT**

The 1960s, in Brazil, were marked by the emergence of countless artistic groups that played an important role in the cultural transformation of the country, developing an action of resistance during the military dictatorship. In the last few decades, the specialized historiography has searched to understand the social networks and social bounds that formed these groups and partnerships, researching the spaces of these interactions and its relation with the cultural and political broad context. Following this premise, this article seeks to analyse the Zicartola, a bar and restaurant of samba that worked until 1965 in Rio de Janeiro's downtown, as a point of meeting between students, samba players, playwrights and journalists. In the historical sources, we find that it was an important place for the formation of groups such as the Rosa de Ouro, Opinião, Voz do Morro, and others, and it was also a place of political debates and student association meetings. In a perspective of dialogue between history and sociology, this research seeks to understand the relations of interchange and resistance that happened in Zicartola, relating the space to the military dictatorship

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de História Social da Universidade de São Paulo. Professor de História da Prefeitura de São Paulo desde 2018. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5433749058116408>. Endereço eletrônico: [daniel.concagh@usp.br](mailto:daniel.concagh@usp.br)



context, observing its interaction, at the same, with the mutations of the samba world and the political and social cleavages that the country was passing through, emphasizing the place of samba in the cultural riots of the period

**Keywords:** Zicartola. Cultural sociability. Political resistance.

## 1 INTRODUÇÃO

No artigo “Natal para as vítimas”, lançado pelo Jornal do Brasil às vésperas das comemorações natalinas de 1964, encontramos o seguinte excerto:

Por mil cruzeiros pagos na entrada, quem estiver no Centro da Cidade, hoje, por volta das duas da tarde, pode, perfeitamente, ir conhecer o grupo de *Opinião*, no Zicartola, na Rua da Carioca. Zé Ketí e Nara Leão, aliados ao pessoal da casa, Nelson Cavaquinho e Cartola, garantem o espetáculo em benefício das famílias dos funcionários públicos atingidos pelo Ato Institucional. A iniciativa de realizar o espetáculo partiu da União Nacional dos Servidores Públicos. (...) (Jornal do Brasil. 24/12/1964. Ed. 303.)

Tendo em vista uma proposta metodológica de pensar as questões/problemas de uma pesquisa a partir das fontes primárias, poderíamos levantar algumas perguntas com base neste excerto: em primeiro lugar, por que o Zicartola, um bar e restaurante de samba do centro do Rio de Janeiro, foi escolhido como lugar para sediar o show beneficente às vítimas do Ato Institucional? Em segundo, por que o grupo do espetáculo Opinião, apenas treze dias após a sua estreia no Teatro da Rua Siqueira de Campos, decidiu fazer esse show no Zicartola? E seguindo essa mesma direção, havia alguma relação entre o bar e o grupo? Por que a União Nacional dos Servidores Públicos selecionou este espaço para o seu projeto? Todas essas questões, na verdade, poderiam ser articuladas a um contexto mais amplo das transformações culturais e políticas pelas quais o país passava.

O objetivo deste artigo é analisar algumas das *redes de sociabilidade*<sup>2</sup> culturais e políticas dos anos 1960 no Rio de Janeiro, tendo como referência o Zicartola, um bar e

---

<sup>2</sup> Conceito bem desenvolvido por Jean-Françoise Sirinelli. Conforme o autor, as redes de sociabilidade se constituem pelos espaços onde os laços se atam (um bar, uma editora, uma casa de cultura, etc.). O pesquisador interessado em buscar a história de uma determinada sociabilidade, precisa traçar uma arqueologia social, isto é, os lugares de convivência daqueles grupos, os motivos de origem daquela sociabilidade e o que a motivou a se formar. Ver: SIRINELLI, Jean-Françoise. “Os intelectuais”. In: **Por uma história política**. (Org. René Remond). Rio de Janeiro: Editora FGV. 2003. pp. 248 - 254. O historiador Robert Danton observa também que uma rede precisa ser analisada dentro de um contexto mais amplo, ou seja, como ela está inserida dentro de uma sociedade, seja por suas influências formativas, seja pela forma como ela influencia o aspecto global mais amplo: DANTON,



restaurante de samba que funcionou no centro do Rio de Janeiro até meados de 1965. Entre 1963 e 1965, o restaurante foi um ponto fundamental de encontro entre músicos, estudantes, jornalistas, dramaturgos e artistas diversos, o que fomentou a constituição de inúmeros grupos e parcerias. Neste bojo, o espaço também recebeu reuniões de sindicalistas e agremiações universitárias e, ao que se pretende demonstrar, estes dois aspectos, o político-social e o artístico, caminharam muitas vezes juntos em uma perspectiva de resistência cultural mais ampla no início do regime militar.

O período militar também foi marcado por um contexto de extrema violência contra a população negra do país, não apenas do ponto de vista social, como também cultural. Os anos 1960, representam um momento do despontar de diversos grupos de resistência negra que se articulam nas mais variadas áreas da arte: no teatro, no samba, na dança, no cinema. Dentro do Zicartola, se constituíram encontros fundamentais para a formação do *Rosa de Ouro*, um espetáculo que estreou em 1965, que contava com a participação de músicos da “velha guarda” do samba como Clementina de Jesus e Nelson Sargento, e, ao mesmo tempo, compositores jovens, ainda não muito conhecidos, como Paulinho da Viola e Elton Medeiros. O objetivo do espetáculo era promover estilos musicais de matriz africana alijados da indústria fonográfica, como corimas, reisados, jongos, dentre outros.

A década de 1960 foi um período importante para o advento comercial de mulheres compositoras e intérpretes negras, que passaram a disputar um mercado musical privilegiado por cantoras brancas. Mesmo tendo composto diversos sambas-enredos de sucesso nas suas escolas, tanto Dona Ivone Lara, quanto Clementina de Jesus, na Império Serrano e na Mangueira, respectivamente, não conseguiram adentrar a ala dos compositores, porque havia uma regra de que apenas homens podiam participar. Para tanto, os seus sambas de sucesso ficavam ou no anonimato, ou eram creditados a um cantor homem. Isso não impediu, todavia, que elas continuassem a cantar e resistir nesta realidade. Para Clementina, o Zicartola foi um espaço fundamental para a sua inserção na indústria fonográfica, posto que era um espaço de outros inúmeros artistas que não encontraram espaço nas suas escolas, como Cartola, Zé Ketí, Nelson Cavaquinho e, ao mesmo tempo, um ponto de encontro entre agentes e produtores. Foi no bar de samba que ela também conheceu Paulinho da Viola e Elton

---

R. Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras. 2014.pp. 84-106.



Medeiros, formando um conjunto que rendeu inúmeros espetáculos no restaurante e no Teatro Jovem. Um pouco depois, o grupo seguiu uma turnê pelo Senegal, apresentando-se, inclusive, no famoso festival de Dakar. Esse movimento de ir à África se tornou fundamental para diversos intelectuais negros e músicos nos anos 1960 e 70, como uma tentativa de compreender melhor os laços culturais e sociais que haviam sido diluídos pelos processos diaspóricos. Dentro do contexto militar, essa busca encontrava um cenário difícil, o que não impediu, porém, que outros trilhassem esse caminho de Clementina, como a própria Dona Ivone, Martinho da Vila, a historiadora Beatriz Nascimento, e outros posteriormente.

## **2 ZICARTOLA: SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA**

Há cerca de três anos atrás (2017), estreava no Sesc Bom Retiro de São Paulo a peça “Razão Social”, sob a direção de Gero Camilo e Victor Mendez. A narrativa se centrava na experiência de dois estudantes que, durante um protesto no centro do Rio de Janeiro em abril de 1964, começaram a ser perseguidos por policiais. Na fuga, acabaram se escondendo no restaurante Zicartola. Os dois receberam asilo do casal Zica e Cartola, e ficaram escondidos durante alguns dias. Neste período, acabaram conhecendo melhor a casa e a sua vida cultural, envolvendo-se com os shows e o ambiente. Apesar de fictícia, a história teve como base uma inspiração: entre fins de 1963, até 1965, quando o bar foi fechado, o Zicartola foi um ponto fundamental de encontro entre estudantes, seja por um ponto de vista político social, seja por um ponto de vista cultural.

Quando a União Nacional dos Estudantes (UNE) do Rio foi incendiada e destruída em abril de 1964, junto com o seu Centro Popular de Cultura (CPC), muitos estudantes passaram a procurar outros espaços para se encontrar. Em depoimento concedido ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio<sup>3</sup>, o jornalista e escritor Hermínio Bello de Carvalho observou que o Zicartola foi um destes principais pontos de encontro para discussões políticas pois, para além de estar bem localizado no centro, tinha como “fachada” ser um bar e restaurante de samba, o que durante muito tempo não levantou suspeita das autoridades.

A participação estudantil neste espaço, no entanto, já acontecia antes de abril de 1964. A década de 1960 foi um período importante nas relações de aproximação de estudantes com temas e gêneros musicais populares, dentre eles o samba. Neste sentido, o Zicartola era

---

<sup>3</sup> Depoimento de Hermínio Bello de Carvalho: Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ). Arquivo Bello de Carvalho 1987.



uma casa que tinha uma agenda diária de shows com nomes como Cartola, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola, Zé Keti, Ismael Silva, e muitos outros. Do ponto de vista da indústria fonográfica, os anos 1960 foram uma época de intensa transformação no consumo que se tinha até então de música nacional e música estrangeira. Na sua tese sobre o engajamento político e a indústria cultural na MPB, entre 1959 e 1969, o historiador Marcos Napolitano observa um processo de substituição de importações. Se, em 1959, apenas 35% dos discos vendidos no país eram de música brasileira, dez anos depois, a cifra se invertia, e 65% dos discos vendidos eram de artistas nacionais (NAPOLITANO, 2001, p.21.) Isto teve, sem dúvida, uma influência da Lei de Incentivo de 1961, lançada pelo governo João Goulart, que diminuía a cobrança de impostos na produção de discos brasileiros e, ao mesmo tempo, obrigava as gravadoras e os meios de comunicação a terem no mínimo 50% de sua divulgação com músicas do país.

Atrelado a isto, estava um contexto maior de aproximação, especialmente do público jovem, nascido no período pós-Segunda Guerra, com a canção nacional. Em diversas partes do mundo ocidental, as indústrias culturais procuraram atrair estas novas gerações para “estilos musicais e comportamentais jovens” (BLANNING, 2011, pp. 203-221). Nos Estados Unidos e na Inglaterra isso aconteceu com o rock, no Brasil, a grande aposta foi a Bossa Nova. Neste período tivemos uma forte conexão, especialmente das camadas universitárias, com a música brasileira.

O fenômeno poderia ser observado também nos diversos campos culturais, como o teatro, o cinema, as artes plásticas, a literatura. Uma perspectiva que ganhava força especialmente nesses circuitos universitários, com destaque para os CPCS que foram surgindo pelo país. No CPC do Rio, sambistas como Cartola e Nelson Cavaquinho já haviam sido chamados para fazerem shows antes mesmo do surgimento do Zicartola, no final de 1963.

O incêndio da UNE e do CPC do Rio não representou a destruição destes projetos culturais e sim a transferência de relações e espaços de sociabilidade para outros meios, continuando um processo que já estava em curso.

## **2.1 O show espetáculo Opinião**

No bojo dos novos espaços e relações de sociabilidade, poderíamos destacar o grupo Opinião, formando por alguns remanescentes do CPC, que queriam dar continuidade a projetos culturais engajados através do teatro. A historiadora Natália Batista constatou que o



dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, membro do grupo, esteve presente no lançamento do disco *Opinião*, de Nara Leão, lançado em 1964, e que de lá teve a ideia de fazer um espetáculo a partir do álbum (BATISTA, 2017, pp. 43-54).

Esmiuçando melhor este acontecimento, encontramos, na edição de número 247 do *Jornal do Brasil*, publicada em 13 de outubro de 1964, o artigo “De discos”, com o anúncio: “Nara Leão lançará o seu disco *Opinião de Nara no Zicartola*” (*Jornal do Brasil*, Ed. 247, 13/10/1964). Portanto, este evento envolvendo Nara e Vianinha aconteceu no bar e restaurante de samba. Caberia entender ainda qual a importância que o espaço tinha, para que a cantora decidisse lançar o seu álbum lá? Na matéria, Nara se pronunciava dizendo que tinha grande admiração pelo lugar, e por isso o havia elegido para esta celebração. Investigando as edições dos jornais de shows no Zicartola anteriores, encontramos outras citações de espetáculos da cantora, junto aos músicos da velha guarda das escolas.

Nos discos de Nara Leão lançados neste período existem muitas faixas de sambistas. Logo no primeiro, “Nara Leão”<sup>4</sup>, de 1964, existem canções de Cartola, Nelson Cavaquinho, Elton Medeiros e Zé Ketí. Em “Opinião de Nara”<sup>5</sup>, lançado pouco tempo depois, o destaque vai para as parcerias com Ketí, tendo a música do sambista “Opinião”, como o abre alas do álbum. Começando a sua carreira musical na bossa nova, a cantora buscou, nesta fase, articular a sua musicalidade ao samba, dentro de uma “proposta engajada da bossa” (CONTIER, 1998, pp. 13-52), sendo o Zicartola um dos espaços centrais para esse projeto de sociabilidade. Nestes encontros, Zé Ketí se tornou um parceiro fundamental para as produções de Nara, tanto nos seus discos, quanto no espetáculo *Opinião*. Se a relação entre esses dois está bem explicitada, falta ainda uma terceira.

Na edição 253 do *Jornal do Brasil* de 25 de outubro de 1964, encontramos o texto “Rua da golada onde se pisa na fulô agora é rua do João” (*Jornal do Brasil*, Ed. 253, 25/10/1964). No artigo se apresenta a vida de João do Vale, um importante compositor maranhense, e se comenta um show que o artista fez no Zicartola que foi aplaudido de pé pelo público. Vale completaria a tríade dos três artistas do espetáculo *Opinião*, junto com Nara e Zé Ketí.

O restaurante desempenhou, portanto, um papel fundamental para a socialização envolvida na formação do grupo. Em depoimento de 1965, Vianinha conta que depois do

<sup>4</sup> LEÃO, N. **Nara Leão**. Philips/Polygram. 848970-2. 1964.

<sup>5</sup> LEÃO, N. **Opinião de Nara**. Philips. 632.732 L. 1964.



evento de lançamento do álbum Opinião de Nara no Zicartola, ele passou a frequentar o restaurante e procurar Cartola, Zica e outros para colher partidos altos e sambas para o espetáculo (depoimento em: KUHNER & ROCHA, 2001, p. 41.).

### **2.1.1 Rosa de Ouro**

Ainda neste movimento de encontros e parcerias, poderíamos destacar a importância do restaurante para a formação do grupo do espetáculo Rosa de Ouro, que contava com a participação de nomes como Paulinho da Viola e Clementina de Jesus. Para estes dois, o Zicartola desempenhou um papel fundamental para o início de suas carreiras artísticas e inserções no mercado musical. Paulinho trabalhava em um banco no centro até conhecer Hermínio Bello, que se encantou por algumas de suas composições e, sendo um dos produtores da agenda de shows do restaurante, promoveu o primeiro evento com cachê do violonista<sup>6</sup>. Clementina já era cantora há algum tempo, mas foi através do Zicartola que chamou a atenção de jornalistas e produtores da rádio que frequentavam o espaço, e teve a também a oportunidade de conhecer outros músicos, como o próprio Paulinho, com quem selou a sua primeira agenda de shows no Teatro Jovem<sup>7</sup>.

**Figura 1** - O grupo do Rosa de Ouro: de pé, da esquerda para a direita: Elton Medeiros, Turibio Santos, Nelson Sargento, Paulinho da Viola, Jair do Cavaquinho, Anescarzinho do Salgueiro; sentadas: Clementina de Jesus, Aracy de Almeida (que estava como visita) e Aracy Cortes.



**Fonte:** Autor não identificado. Arquivo da coleção Hermínio Bello de Carvalho - Museu da Imagem e do Som (MIS) Rio de Janeiro. 1965.

<sup>6</sup> Sobre essa parte da vida de Paulinho da Viola, ver: COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas Histórias, Memórias Futuras: O Sentido da Tradição em Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.p.120.

<sup>7</sup> CASTRO, Felipe, MARQUESINI, Janaína, COSTA, Luan & MUNHOZ, Raquel. **Quelê, a Voz da Cor: Biografia de Clementina de Jesus**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p.78.



Pouco tempo depois, Hermínio Bello resolveu formar um conjunto para um espetáculo, o Rosa de Ouro, que além de Paulinho e Clementina, contava com músicos antigos como Aracy Cortes, Nelson Sargento e outros. Muitos destes sambistas haviam sido excluídos, ou até mesmo expulsos de suas escolas de samba, dentro de um cenário de aumento da competitividade, entrada de profissionais externos às comunidades, com destaque para a figura do carnavalesco. Valores que consideravam fundamentais nas agremiações estavam se diluindo, e estes personagens não encontravam mais lugar naquele espaço. Na figura 1, podemos observar, por um lado, a presença das intérpretes que brilharam no mundo da rádio na década de 1940, como Cortes e Almeida, e por outro, os compositores que foram excluídos daquela realidade. Ao mesmo tempo, de uma velha geração do samba com uma nova, ambas fora do mundo das escolas. Esses encontros se deram, em boa medida, no Zicartola. O Rosa de Ouro tinha o objetivo principal de valorizar estilos musicais negros alijados da indústria cultural, como partidos, jongos, reisados, corimas, dentre outros, em uma perspectiva de difusão e resistência.

O período militar foi marcado por um contexto de extrema violência contra a população negra do país, não apenas do ponto de vista social, como também cultural. Os anos 1960 representam um momento de surgimento de diversos grupos de resistência negra que se articulam nas mais variadas áreas da arte: no teatro, no samba, na dança, no cinema. Dentro do Zicartola, se constituíram encontros fundamentais para a formação do Rosa de Ouro, e outros conjuntos neste sentido como o Voz do Morro, os Cinco Crioulos e o Samba de Verdade. Como já dissemos, este momento também foi importante para o advento comercial de mulheres compositoras e intérpretes negras, que passaram a disputar um mercado musical privilegiado por cantoras brancas.



**Figura 2** - Clementina de Jesus, Paulinho da Viola e Elton Medeiros aquecendo para o show em Dakar.



**Fonte:** Autor: Sulinha Sud. Arquivo da Coleção Sulinha Sud. 1966. Série: Festival de Dakar.

O movimento de ir à África se tornou fundamental para diversos intelectuais negros e músicos nos anos 1960 e 70, como uma tentativa de compreender melhor os laços culturais e sociais que haviam sido diluídos pelos processos diaspóricos. Nos shows e nos processos de socialização de Clementina no Zicartola, havia se tornado evidente para uma série de artistas e sambistas a memória cultural negra presente na cantora, seja por sua forma de cantar, seja por seu conhecimento. A viagem ao Senegal significava também uma busca. Na figura 2, podemos ver que tanto Paulinho quanto Elton acompanharam o espetáculo com tambores. A melodia do show foi feita inteiramente pela voz de Jesus.

Dentro do contexto militar, essa busca encontrava um cenário difícil, o que não impediu, porém, que outros trilhassem o caminho de Clementina, Paulinho e Elton, como a própria Dona Ivone, Martinho da Vila, a historiadora Beatriz Nascimento, que revolucionou



os debates universitários ainda pautados pela perspectiva do “negro na sociedade de classe” e do “quilombo histórico”.

Nos anos 1960, constituiu-se na Universidade de São Paulo um grupo de estudiosos da obra *Capital*, de Karl Marx, formado por nomes como Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Francisco Weffort. A orientação era feita por Florestan Fernandes, dentro de uma proposta de refletir sobre a sociedade brasileira através de uma perspectiva marxista. Na sua obra *A Integração do Negro na Sociedade de Classe*<sup>8</sup>, de 1965, Fernandes observava que, durante a Colônia e o Império, a resistência negra havia se expressado na forma do quilombo. Com o advento da República, essas comunidades haviam se extinguido, e agora a resistência precisava ser feita no contexto da emergente sociedade capitalista e na disposição do proletário na sociedade de classe.

Frequentadora dos espaços de sociabilização do samba carioca, e próxima de artistas como Paulinho da Viola e Dona Ivone, a historiadora sergipana Maria Beatriz Nascimento seguiu o caminho de diversos intelectuais e artistas negros neste período, realizando viagens pela Angola, pelo Congo e outros países africanos. Nas suas pesquisas, observou questões importantes e, na volta ao Brasil, passou a debater com as ideias universitárias marxistas<sup>9</sup>. Em primeiro lugar, com o conceito de Quilombo histórico, isto é, que a Lei Áurea havia marcado o fim das comunidades quilombolas do país. Nascimento observou, nos seus estudos, que essa forma de organização existia muito antes da colônia no reino do Ngola, como um grupo de resistência militar e, mais do que isso, um complexo cultural. Portanto, não era a escravidão brasileira que havia criado e depois findado o quilombo em 1888. Com a República, e seguindo até os dias atuais, diversas outras comunidades haviam se mantido, e muitas outras se formado. Para a historiadora, escolas de samba como a Vai Vai em São Paulo, e a Grêmio Recreativo Arte Negra e Quilombo, no Rio de Janeiro, bem como outras agremiações culturais, precisavam ser entendidas como conjuntos de quilombos<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

<sup>9</sup> Sobre esses debates universitário, alguns dos quais até filmados, bem como trajetória da historiadora Beatriz Nascimento, ver: **Orí. Dir**: Raquel Gerber. Burkina Faso/ Brasil: Versátil Home, 1989.

<sup>10</sup> Essa discussão sobre as comunidades quilombolas encontra-se bem pesquisada na obra de: GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Grupo Claro Enigma. 2015.



O Zicartola, neste sentido, foi um ponto fundamental de encontros e debates sobre a valorização da cultura negra, dentro de um contexto político autoritário e segregacionista. Através de sociabilidades envolvendo artistas, sambistas, produtores, intelectuais, formaram-se inúmeros grupos como os já mencionados Rosa de Ouro, o Voz do Morro, o Samba de Verdade, dentre outros, que procuraram resgatar estilos musicais alijados da indústria musical e, ao mesmo tempo, promover discussões engajadas.

### 3 CONCLUSÃO

Conforme o escritor francês Jacques Attali, os regimes totalitários sempre tiveram uma forte preocupação com os ruídos: as manifestações, a circulação de informações, os gritos e as músicas (ATTALI, 1977, pp.15-20). No regime militar brasileiro, a situação não foi diferente, dentro de um contexto de censura, perseguições políticas a músicos e exílio. Muitos espaços foram fechados ou destruídos, como o CPC do Rio em 1964, e diversos teatros universitários. Em meados de 1965, o Zicartola passou a ser observado pelas autoridades públicas e, pouco tempo depois, com problemas administrativos, encerrou as suas atividades. Durante o seu período de funcionamento, o bar e restaurante de samba foi palco de inúmeros encontros, formação de parcerias e conjuntos, debates políticos, um show beneficente às vítimas do Ato Institucional, prêmios para músicos e artistas e outras inúmeras formas de sociabilidade.

Nas últimas décadas, um dos campos centrais de pesquisa da historiografia da música tem sido sobre os espaços de sociabilidade musical e cultural. Isto é, como a formação de determinadas comunidades musicais, gostos estéticos e grupos, está associada a uma rede social, que muitas vezes envolve certos locais e pontos de contato<sup>11</sup>. Nestas relações de trocas, os estudos analisam as redes dentro de um contexto maior, seja por suas influências formativas, seja pela forma como ela influencia o aspecto global mais amplo.

Seguindo essa direção, a proposta deste artigo foi a de apresentar aspectos de um ambiente, um bar e restaurante de samba que funcionou no centro do Rio de Janeiro entre 1963 e 1965, dentro de uma análise da rede de sociabilidade artística da cidade durante os

---

<sup>11</sup> A respeito disso ver a pesquisa de: FRITH, S. Hacia una estética de la música popular. In: **Las culturas musicales. Lecturas de etnomusicología**. Madrid: Ed. Trotta, 2001. pp. 422-427.



anos 1960, observando os laços que formaram estes grupos e parcerias, inserindo esta reflexão dentro do contexto político e cultural mais amplo do início do regime militar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTALI, Jacques. **Ruidos: ensayo sobre la economía política de la musica**. Paris: Ruedo Ibérico, 1977.

BATISTA, Natália Cristina. **Nos Palcos da História: Teatro, Política e Liberdade Liberdade (1965-1967)**. Belo Horizonte: Letra e Voz, 2017.

BLANNING, Tim. **O triunfo da música**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CASTRO, Felipe, MARQUESINI, Janaína, COSTA, Luan & MUNHOZ, Raquel. **Quelé, a Voz da Cor: Biografia de Clementina de Jesus**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CONTIER, Arnaldo Daraya. “Edu Lobo e Carlos Lyra: o nacional e o popular na canção de protesto (os anos 1960)”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v, 18. N. 35. pp. 13-52, 1998.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas Histórias, Memórias Futuras: O Sentido da Tradição em Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

DARTON, R. **Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

FRITH, S. “Hacia una estetica de la música popular”. In: **Las culturas musicales. Lecturas de etnomusicologia**. Madrid: Ed. Trotta, 2001.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Grupo Claro Enigma, 2015.

KUHNER, Maria Helene & ROCHA, Helena. **Para ter Opinião**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a Canção: o Engajamento Político e a Indústria Cultural na MPB (1959-1969)**. São Paulo: Annablume - Fapesp, 2001.

SIRINELLI, Jean-Françoise. “Os intelectuais”. In: **Por uma história política**. (Org. René Remond). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp. 248 - 254.



**FONTES**

ARQUIVO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. Rio de Janeiro. Coleção Hermínio Bello de Carvalho 001. Sessão depoimentos. 1987.

GERBER, Raquel. **Orí**. Burkina Faso/Brasil: Versátil Home, 1989.

**Jornal do Brasil**. “Nara Leão lançará o seu disco Opinião de Nara no Zicartola”. Rio de Janeiro: Ed. 247, 13/10/1964.

**Jornal do Brasil**. “Rua da golada onde se pisa na fulô agora é rua do João”. Rio de Janeiro: Ed. 253, 25/10/1964.

**Jornal do Brasil**. “Natal para as vítimas”. Rio de Janeiro: Ed. 3030, 22/12/1964.

LEÃO, N. **Nara Leão**. Philips/Polygram. 848970-2. 1964.

LEÃO, N. **Opinião de Nara**. Philips. 632.732 L. 1964.